

---

**Pesquisa auto(trans)formação: por uma ambiência de pertencimento no ensino superior**

*Self(trans)formation research: towards an environment of belonging in higher education*

Ivani Soares  
Celso Ilgo Henz  
**Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)**  
Santa Maria/RS-Brasil

**Resumo**

Este texto emerge de uma pesquisa, em nível de doutorado, que objetiva pensar institucionalmente uma ambiência de pertencimento no ensino superior via formação com docentes, buscando a permanência e o êxito de discentes nos cursos de graduação. Esse pensamento conversa com a pedagogia dialógica e conscientizadora de Freire, autor estudado no Grupo Dialogus (UFSM), do qual participa-se e assume-se a metodologia de pesquisa Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos. Dados estatísticos apontam a evasão de discentes dos cursos; para mudar essa realidade, é preciso pensar políticas inclusivas e celebrar a presença das/os acadêmicas/os, com amorosidade e cuidado. Assumir uma práxis de acolhimento-reconhecimento e auxiliar nos processos auto(trans)formativos das pessoas e de suas realidades pode fazer da academia um dos espaços-tempo possíveis de materializar inéditos-viáveis.

**Palavras-chave:** Ambiência de Pertencimento; Processos Auto(trans)formativos; Ensino Superior.

**Abstract**

This text emerges from a doctoral-level research that aims to institutionally consider an environment of belonging in higher education through teacher training, seeking the retention and success of students in undergraduate courses. This thinking aligns with the dialogical and conscientizing pedagogy of Freire, an author studied in the Dialogus (UFSM), of which the researcher is a participant, adopting the methodology of Investigative-dialogical Circles for self(trans)formation. Statistical data indicates student attrition in courses; to change this reality, it is necessary to think about inclusive policies and celebrate the presence of academics with love and care. Embracing a praxis of acceptance-recognition and assisting in the self(trans)formational processes of individuals and their realities can make the academy one of the possible space-time realms to materialize unprecedented possibilities.

**Keywords:** Environment of Belonging; Self(trans)formational Processes; Higher Education.

## **1. Introdução**

Este texto emerge de uma pesquisa auto(trans)formação, em nível de doutorado, que tem por objetivo pensar institucionalmente uma ambiência de pertencimento no ensino superior, via formação com docentes, buscando a permanência e o êxito de discentes nos cursos de graduação como uma possibilidade de inédito-viável, na perspectiva de maior justiça social e reconhecimento de cada pessoa em sua singularidade.

De acordo com Nita Freire (2017), o inédito-viável não é uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma palavra na acepção freireana mais rigorosa: uma palavra-ação. Ao falar sobre boniteza, Euclides Redin (2017) diz que a utopia, o inédito viável, o sonho possível não se realizarão sem a denúncia da realidade injusta e o anúncio de um mundo melhor. Somos educadoras/es que cremos em inéditos-viáveis, sonhamos e lutamos no esperar em um mundo melhor. Sabemos da possibilidade de viabilizar esse outro mundo, desde que seja uma práxis intencionada e calcada na certeza de que é no amor que o fluir da vida se transforma em palavras, texto, tese.

Assumir uma práxis alicerçada em processos didático-pedagógicos de formação humana, olhando as pessoas e as realidades nas quais vivem, não acontece por acaso, enseja intencionalidade para que as auto(trans)formações se materializem. De acordo com Andrade e Henz (2018, p. 315), uma das premissas iniciais ao falarmos sobre a auto(trans)formação é a compreensão do contexto no qual se usa o prefixo auto, não como “um auto de si mesmo, um eu sozinho, na sua ipseidade, mas em um auto que sempre se estabelece na relação e no reconhecimento com o outro”, buscando a transformação de si mesmo e de “todos os sujeitos que, conscientes do seu inacabamento, auto(trans)formam-se em comunhão, pelo diálogo como ação-reflexão-ação sobre suas práticas e o contexto vivenciado” (ANDRADE; HENZ, 2018, p.315).

Mário Sérgio Cortella (2011, p.14), no artigo Paulo Freire: um pensamento clássico e atual, afirma que o educador apontava a necessidade de inconformar-se com as coisas no modo como estavam/estão, dizendo que uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível, “a gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo”.

Nossa sociedade está repleta de pessoas que perderam o sentimento de pertença e empatia em muitos espaços e instâncias. Inconformar-se e agir, buscando alternativas para modificar esta realidade é uma forma intencional de ação, que personifica o esperar

anunciado por Paulo Freire (2016a), e o espaço acadêmico é um dos espaços-tempo que podem ser ocupados para materializar inéditos-viáveis. Acreditamos na força transformadora da educação, da pesquisa e da extensão para mover a dialética e a dinâmica da vida que se (re)constrói historicamente. Mais do que voltar para um lugar, trata-se de construir um novo tempo-lugar de acolhimento, de proteção e de poder, ampliando nosso horizonte de compreensão acerca dos processos que nos constituem gente.

Acreditamos que é possível caminhar na direção de ser mais quando impulsionados pela leitura consciente do mundo e da palavra. Quando problematizamos a existência e adquirimos consciência de nosso papel e de nossa importância na processualidade sócio-histórico-cultural da vida, comprometemo-nos com o presente e com o futuro e passamos a desejar a participação coautoral que movimenta e dá sentido ao sentir-pensar-agir (HENZ, 2003) de mulheres e homens, na academia e na sociedade.

## **2. Práxis epistemológico-política intencionada: pesquisa-auto(trans)formação, o esperar**

Esta pesquisa de doutoramento tem destaque na proposição metodológica que assume e que lhe confere ineditismo: a realização de Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos; pois que intenciona ser um constructo coletivo, materializado a partir de vivências com professoras/es, visando desvelar uma ambiência de pertencimento junto às/aos acadêmicas/os no Ensino Superior.

Trabalhar com os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos como pesquisa e auto(trans)formação, possibilita reconhecer cada homem e cada mulher na sua singularidade e na sua capacidade de construir conhecimentos que ajudem no desvelamento da condição de condicionados; mas, porque condicionados e não determinados, no seu inacabamento está a possibilidade de um sentir/pensar/agir para transformar a si mesmo e a realidade vigente, sempre pelo diálogo e intersubjetividade de uns com os outros (HENZ, 2015, p.20/21).

A base teórico conceitual sobre a qual repousa a pesquisa em desenvolvimento pelo Grupo Dialogus: educação, auto(trans)formação e humanização com Paulo Freire, no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desde 2011, traz, dentre outros, educadores como Paulo Freire e Marie Christine Josso, pela aproximação da proposta político-epistemológica dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos com os Círculos de Cultura (Freire) e a pesquisa-formação (Josso). Esta proposta epistemológico-política possibilita uma pesquisa qualitativa que reconhece os sujeitos envolvidos como

## *Pesquisa auto(trans)formação: por uma ambiência de pertencimento no ensino superior*

coautores, permitindo que sejam protagonistas dos constructos teórico-práticos que vão emergir nos diálogos reflexivos no decorrer do processo de pesquisa. É uma metodologia inclusiva, desenvolvida para ser construída com e não para um público destinatário específico, assumindo o diálogo como instaurador de estudos e reflexões que apontam para novas possibilidades pedagógicas, epistemológicas e sociais.

Sobre a condição do inacabamento humano, tanto Josso quanto Freire a trazem “na centralidade de todas as práxis pelas quais seres humanos vão se educando e se formando na sua genteidade de homens e mulheres, tanto individual como coletivamente” (HENZ; SIGNOR; SOARES, 2021, p.751).

De acordo com Josso (2010), a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente, o saber-fazer e os conhecimentos; e a abordagem biográfica é também um meio para observar aspectos centrais da situação educativa. Na obra *Experiência de Vida e Formação*, a autora afirma que:

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em *Histórias de Vida* situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (JOSSO, 2010, p.28).

A proposta epistemológico-política dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos tem sido construída (e está implicada) em dissertações e teses defendidas por mestrandas(os) e doutorandas(os), da UFSM e de outras Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Os estudos e as pesquisas realizadas pelo Grupo Dialogus já identificaram oito movimentos, descritos por Henz, Freitas e Silveira (2018), no artigo intitulado *Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma metodologia de pesquisa inspirada nos círculos de cultura freireanos*, como sendo: escuta sensível/olhar aguçado, descoberta do inacabamento, emersão/imersão nas temáticas, diálogo-problematizador, distanciamento/desvelamento da realidade, registro re-criativo, auto(trans)formação e conscientização.

Esses movimentos estão muito bem descritos em dissertações e teses, dentre as quais citamos: Andrade (2019); Goelzer (2020); Freitas (2020); Signor (2021); Silveira (2021); bem como nas obras *Círculos Dialógicos*, *humanização e auto(trans)formação de professores*

(HENZ; TONIOLO, 2015) e Pesquisa-auto(trans)formação com genteidades e com o mundo: reinvenções com Freire 100 e Dialogus 10 (GOELZER; FREITAS; SIGNOR (orgs.), 2023).

O movimento de ambiência de pertencimento, objeto deste estudo, vem sendo reconhecido como parte intrínseca de todos os outros movimentos. Ainda de forma bastante tímida, esse movimento está expresso na Tese de Signor (2021, p.34), quando diz que “a educação que não olha para seus sujeitos é uma educação morta [...] já que não provoca para o novo e não constrói uma relação de reciprocidade e pertencimento a um grupo social, a um lugar-tempo-espço de vivências e aprendizagens”.

Goelzer expressou especificamente a ambiência de pertencimento como sendo um movimento ao dizer que ele veio permeando os encontros desde o primeiro círculo. Ela sistematizou, em sua Tese, a concepção acerca deste movimento no sentido que vem sendo construído pelo Grupo de Estudos Dialogus, dizendo que pertencer

é sinônimo de fazer e sentir-se parte de um lugar, de um grupo, de uma história; é perceber as marcas que deixou ou que vem deixando pelo caminho e que marcam profundamente o lugar e as pessoas que nele convivem (GOELZER, 2020, p. 175).

Seguimos os passos deixados por Signor e Goelzer, aprofundando a pesquisa sobre o movimento ambiência de pertencimento, defendendo a tese de que o caminho para dar a oportunidade de fazer parte da academia e permitir a ocupação deste lugar precisa ser andarilhado cooperativamente por gestoras/es, servidoras/es técnico-administrativas/os, docentes e discentes. Juntas/os, podemos validar os processos de ser mais, fortalecer os espaços acadêmicos e unir esforços para que as pessoas se auto(trans)formem, intersubjetivamente, e façam acontecer as mudanças que tornam a sociedade melhor para a convivência de todas/os. Afinal, “são as pessoas o denominador comum dos valores e elas próprias devem ser o valor mais alto numa sociedade justa e igualitária” (SOUZA JR; BUARQUE, 2012, p.12).

### **3. Permanência e êxito no ensino superior: o anúncio de um inédito viável**

Bacich e Moran, na obra Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: uma Abordagem Teórico-Prática, mencionam que a educação não é a preparação para a vida, mas acompanha a própria vida e o desenvolvimento do ser humano e de sua autonomia e aprendizagem pela experiência construída e reconstruída pela tomada de consciência em suas relações. Os autores explicam que:

## *Pesquisa auto(trans)formação: por uma ambiência de pertencimento no ensino superior*

Os relatos das práticas apresentadas neste livro não se referem a qualquer experiência, mas àquelas com valor para a aprendizagem, comprometidas com a participação do aprendiz em práticas que incitam a curiosidade, propõem desafios e engajam os estudantes em vivências de fazer algo e pensar sobre o fazer, propiciando-lhes trabalhar em colaboração e desenvolver a autonomia nas tomadas de decisão (BACICH; MORAN, 2018, p.17).

É essa a educação que reclama o século XXI e, sim, reconhecemos, com Bacich e Moran (2018, p.16), que esse tipo de educação requer das/os professoras/es “habilidades, competências didáticas e metodologias para as quais eles não foram e não estão sendo preparados”. A virada de chave para que aconteçam as mudanças reclamadas por educandas/os e educadoras/es precisa acontecer sob pena de os índices de abandono/evasão em nossas universidades atingirem um patamar que impossibilite que muitas instituições de ensino permaneçam em atividade.

Ainda, essa virada de chave precisa ser institucional. O desafio é trabalhar uma formação com professoras/es para que atuem no sentido de criar uma ambiência de pertencimento entre as/os acadêmicas/os ingressantes, construindo, desde logo, dentro de si, o sentimento de estarem sendo acolhidas/os e reconhecidas/os pela instituição e pelas pessoas com quem se propõem a caminhar em seus processos de ensino-aprendizagem e auto(trans)formação pessoal, profissional e cidadã.

Esse pensamento conversa com a pedagogia dialógica, participativa e conscientizadora de Freire. No livro *Medo e ousadia*, Paulo Freire e Ira Shor dialogam sobre esse assunto e Shor (1986, p.13) fala de sua prática com as/os estudantes em início de semestre, dizendo que busca entender a motivação da turma, observando o que dizem, escrevem e falam, contendo sua própria fala, inicialmente, para dar mais espaço à fala das/os estudantes. “Quero aprender com eles quais seus verdadeiros níveis cognitivos e afetivos, como é sua linguagem autêntica, que grau de alienação trazem para o estudo crítico e quais suas condições de vida, como fundamentos para o diálogo e o questionamento”. Freire, então, reforça sua convicção de que muitos enganos no ciclo gnosiológico estão relacionados ao fato de reduzir o ato de conhecer à mera transferência de conhecimento, perdendo a oportunidade de produzir novos conhecimentos e/ou conhecer o conhecimento existente. Assim, perdem-se qualidades como “a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza [...] indispensáveis ao sujeito cognoscente!” (SHOR; FREIRE, 1986, p. 13).

E é essa perspectiva que impulsiona nossa pesquisa-auto (trans)formação no sentido de compreender os aspectos que fazem com que estudantes permaneçam vinculados aos cursos nos quais ingressaram e obtenham êxito neles, tornando-se autores dos próprios processos educativo(trans)formadores pela consciência de seu inacabamento e, por isso mesmo, com possibilidades de ser mais.

Preocupa-nos a não permanência até a formatura de estudantes que conseguiram ascender ao ensino superior, principalmente das/os que ingressaram em uma universidade pública. Concordamos com um importante aspecto subjetivo dessa permanência, apontado por Pereira, em seu livro *Classes Populares na Universidade Pública Brasileira e suas contradições*, quando lembra da necessária ajuda aos grupos sociais de referência a que as/os estudantes pertençam, em especial, a família, pois a:

necessidade do trabalho remunerado é um fato relevante, tanto pela necessidade material imediata, como por uma noção moral que constrói o sentido de pertencimento social. Em outras palavras: trabalhar é mais importante do que estudar (PEREIRA, 2015, p.197).

No entanto, não é possível conformar-se com esse aspecto e aceitar a saída intempestiva e o abandono do sonho da graduação dessas/es estudantes. Trata-se, antes, de buscar construir alternativas para que elas/es tenham as condições necessárias para permanecerem até a conclusão, com reconhecimento, apoio, empoderamento e auto(trans)formação, umas/uns com as/os outras/os.

Em 2018 e 2019, em sede de Mestrado Profissional em Educação, desenvolvemos uma pesquisa-participante com acadêmicas/os egressas/os de Cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA-PROEJA). Neste estudo, realizado em coautoria, a partir de encontros dialógicos, formulamos uma agenda de ações a serem incluídas em Planos de Acolhida e Permanência no ensino superior.

Dentre as ações para acolhida, que emergiram a partir da visão das/os discentes, estavam “a promoção de ações de convivência de calouras/os e veteranas/os, divulgação dos benefícios institucionais, trote solidário e informações sobre projetos extracurriculares” (SOARES, p.7, 2019). Com vistas à permanência, foram propostas, dentre outras:

[...] a necessidade de incentivo às políticas públicas de inclusão social, auxílio de tutores, participação em grupos de estudos, oficinas, seminários, palestras, promoção de encontros de estudos coletivos, criação de uma rede colaborativa de assistência na caminhada e de oportunidades de interação de estudantes com

## *Pesquisa auto(trans)formação: por uma ambiência de pertencimento no ensino superior*

professores em ambientes presenciais ou virtuais de aprendizagem (SOARES, p.7, 2019).

A partir dos constructos epistemológicos, possibilitados pela realização dos círculos dialógicos investigativo-auto(trans)formativos, realizados em coautoria com a comunidade acadêmica discente do Mestrado Profissional, ousamos propor, em nível de Doutorado, uma proposta pela linha inversa. Para dar continuidade aos estudos, intentamos pensar, institucionalmente, uma ambiência de pertencimento no ensino superior, via auto(trans)formação com docentes.

Como servidores de IFES, temos consciência das muitas possibilidades de acesso ao ensino superior público, mas também dos altos índices de abandono/evasão que assolam as instituições de ensino, não só a Universidade Federal do Pampa e a Universidade Federal de Santa Maria, nas quais atuamos, mas a maioria das IFES públicas e privadas em nosso país.

Esses índices podem estar relacionados a abordagens educacionais ultrapassadas, com a/o professor/a em primeiro plano, como detentor/a do conhecimento, e a/o estudante como receptor/a passivo/a desse arcabouço de conteúdos e informações. Percebemos, na observação em sala de aula, que as/os estudantes são curiosas/os, inquietas/os e dispersam-se rapidamente, quando colocadas/os na condição de meros ouvintes por um tempo um tanto mais longo. Percebemos, ainda, um maior interesse na aula quando são introduzidas por dinâmicas tais como uma contação de história, um círculo dialógico do tipo roda de conversa, uma dinâmica ou a audição de alguma música especial, dentre outras atividades que tirem a classe do piloto automático de estarem o tempo todo em contato com o mundo virtual, via celular.

Valorizar a participação das/dos acadêmicas/os, incluindo-os em diálogos que extrapolem o conteúdo que está sendo trabalhado ou incluir esses conteúdos em uma multidisciplinariedade, correlacionando-os com demandas conexas à realidade que vivem, e/ou às suas atividades, vivências e sentimentos faz com que elas/es estejam atentas/os e curiosas/os e sejam presença ativa e cooperativa, e não apenas estejam nas aulas.

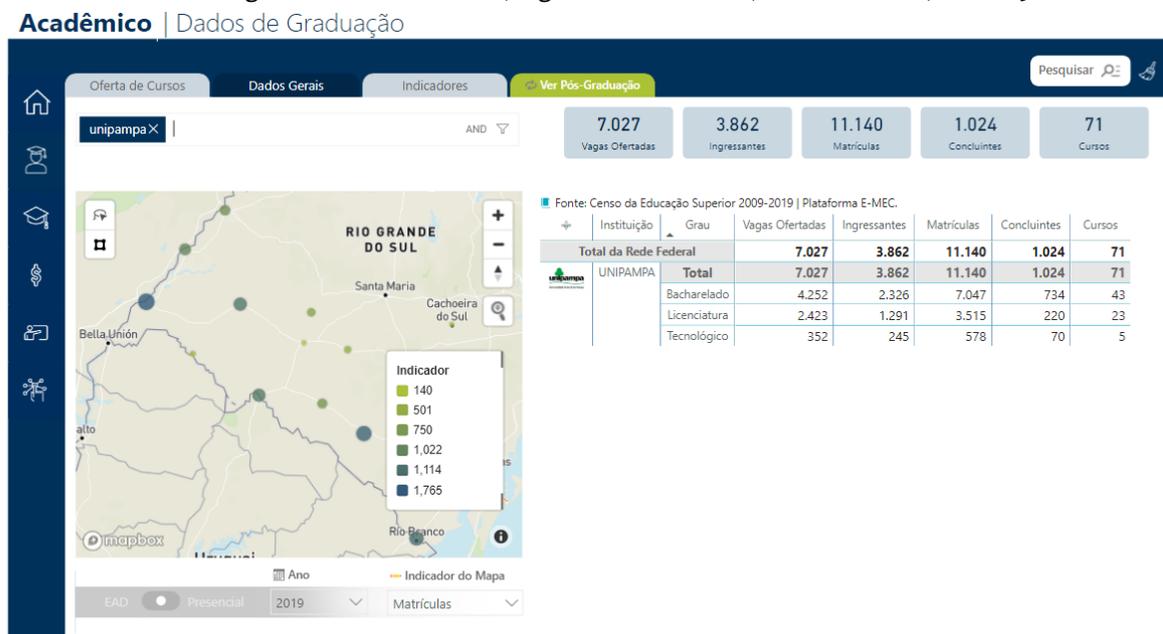
Afinal, aprendemos, com Paulo Freire (1967, p.27), que a educação se faz a partir da realidade mesma das/os aprendentes, a partir da qual, como diz a poesia:

Canção para os Fonemas da Alegria”, de Thiago de Mello, uma palavra ganha sentido e significado próprios, “como quando, ao soletrar, no alfabeto do sol pernambucano a palavra ti-jo-lo, por exemplo, pode-se ver que dentro dela vivem paredes, aconchegos e janelas.

As taxas de evasão podem ser aumentadas pela oferta de ensino desalinhada com as demandas do local onde estão inseridas as unidades acadêmicas; pela baixa interdisciplinaridade de ementas, desconexas da realidade e com pouca aplicação prática; pelo desestímulo causado pelo sentimento de não ser capaz, fruto de deficiências na formação básica, e pela vulnerabilidade socioeconômica de muitas/os estudantes, dentre outros fatores. Como consequência da evasão, temos o risco de elevação do custo médio por formanda/o, que pode comprometer a disponibilidade orçamentária das IFES nas quais estão matriculadas/os; e também uma diminuição na quantidade de profissionais formadas/os, o que prejudica o mundo do trabalho, já que passa a faltar mão de obra qualificada e humana, profissional e politicamente.

Dados da Plataforma Universidade 360 apontam a materialização desses riscos. Exemplificando, a Figura 1 mostra os dados gerais na graduação, na UNIPAMPA, no ano de 2019, no qual foram ofertadas 7.027 vagas, ingressaram 3.862 estudantes e 1.024 concluíram os estudos.

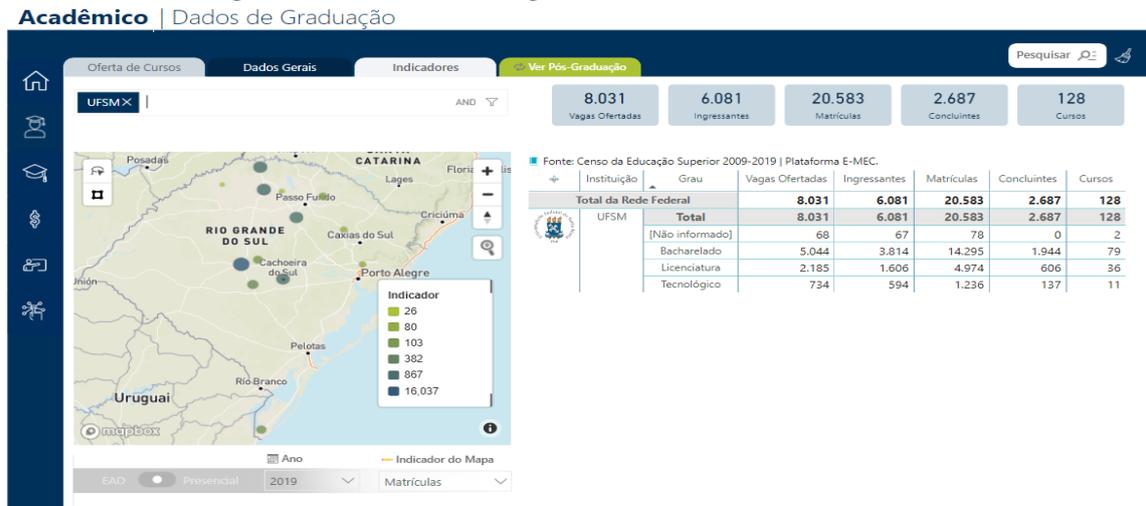
Figura 1: Dados de oferta, ingresso e conclusão, na UNIPAMPA, em 2019.



Fonte: Painel Universidade 360, disponível em <https://www.gov.br/mec/pt-br/universidade360/painel-universidade-360>

A Figura 2 mostra os dados gerais na graduação, na UFSM, no ano de 2019, no qual foram ofertadas 8.031 vagas, ingressaram 6.081 estudantes e 2.687 concluíram os estudos.

Figura 2: Dados de oferta, ingresso e conclusão, na UFSM, em 2019.



Fonte: Painel Universidade 360, disponível em

<https://www.gov.br/mec/pt-br/universidade360/painel-universidade-360>

Mudar a realidade do abandono/evasão no ensino superior e auxiliar aquelas/es que ingressam no mundo acadêmico a concluírem seus estudos é um viável possível. Mas é necessário conhecer a realidade das/os estudantes e as causas que levam ao desinteresse, à desilusão e, finalmente, ao abandono do curso, aliado ao estudo de casos de sucesso de universidades, sejam brasileiras ou estrangeiras, com altos índices de conclusão.

É urgente que a sociedade e o Estado pensem em políticas inclusivas, que tragam novas luzes e apontem horizontes para o Ensino Superior, no sentido de sanar ausências infelizes (das classes populares, de indígenas, de negros, de quilombolas, de egressos EJA/PROEJA e de outras/os excluídas/os) no espaço da academia. Afinal, não basta possibilitar o ingresso, o desafio é buscar estratégias e condições de permanência com vistas aos processos de ensino-aprendizagem com qualidade e à conclusão dos cursos.

Salientamos que estamos considerando o conceito de evasão de acordo com o formulado pela Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação (MEC), no documento Metodologia de Cálculo dos Indicadores de Fluxo da Educação Superior, como sendo:

Evasão: saída antecipada, antes da conclusão do ano, série ou ciclo, por desistência (independentemente do motivo), representando, portanto, condição terminativa de insucesso em relação ao objetivo de promover o aluno a uma condição superior a de ingresso, no que diz respeito à ampliação do conhecimento, ao desenvolvimento

cognitivo, de habilidades e de competências almeçadas para o respectivo nível de ensino (INEP/MEC, 2017, p. 9).

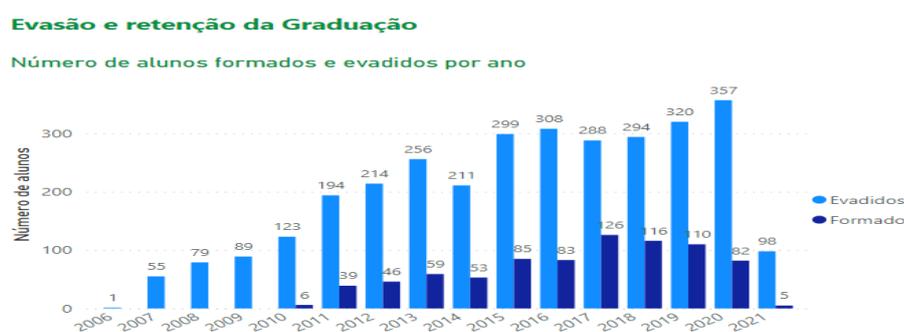
A Unidade de Auditoria Interna (AUDIN) da Unipampa tem acompanhado a situação da evasão através de trabalhos de auditoria. Dentre os principais trabalhos com esse escopo, em 2014, foi feita uma auditoria em ensino de graduação (PAHIM; COSTA; SOARES, 2014). Na fase de levantamento de informações para esse trabalho, foram identificados os principais problemas da Universidade no ensino de graduação como sendo: a retenção em disciplinas, a evasão dos alunos e o controle dos registros acadêmicos.

Em 2019, a AUDIN elaborou o Relatório de Auditoria (RA) 07/2019: Levantamento de dados de ingresso, evasão e retenção discente na Unipampa. O escopo do trabalho foi realizar um levantamento do quantitativo de alunas/os ingressantes, evadidas/os e retidas/os, e dos programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como avaliar os controles internos existentes para identificar, monitorar e prevenir a evasão e a retenção discente na Unipampa. De acordo com o apresentado neste Relatório,

[...] considerando o total no período 2012 a 2019, dos 29.855 estudantes ingressantes nos cursos de graduação (presenciais e a distância), 18.474 evadiram, o que resulta num percentual de 61,88% de evasão com relação aos ingressos. A maior proporção entre evasão/ingresso ocorreu em 2019, quando as evasões corresponderam a 72,20% dos ingressos (COSTA; MACEDO; SOARES, 2020, p. 14).

Corroborando esses trabalhos, há dados públicos que apresentam informações alarmantes sobre a evasão na Unipampa; não obstante, essa não seja uma situação exclusiva da Instituição citada, e sim parte da realidade de muitas IFES no Brasil. Os dados, disponíveis no site da Instituição, mostram, por exemplo, um gráfico do Campus Alegrete, no qual o azul claro representa as/os estudantes evadidas/os e o azul escuro, as/os formadas/os por ano.

Gráfico 1: Número de graduandos formados e evadidos por ano (2006-2021) no campus Alegrete, da UNIPAMPA.



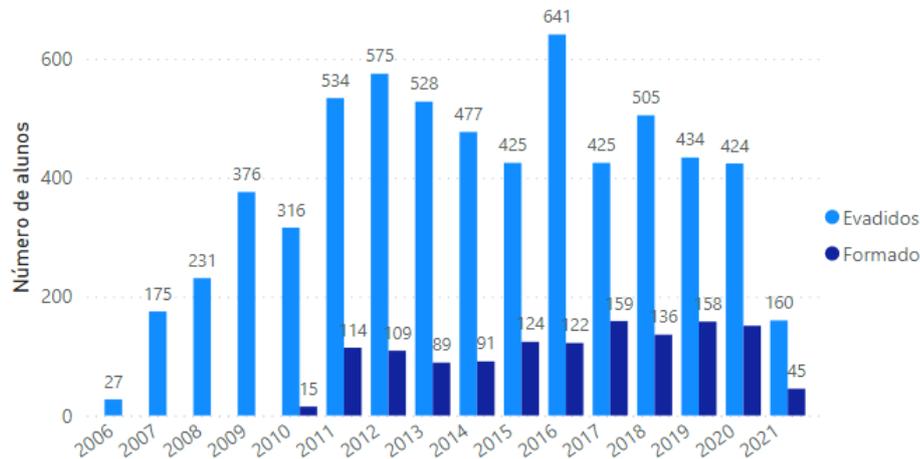
Fonte: Site da UNIPAMPA. Disponível em <https://sites.unipampa.edu.br/prograd/dados-da-graduacao/>, acesso em 06/03/2022.

## Pesquisa auto(trans)formação: por uma ambiência de pertencimento no ensino superior

A situação se repete no Campus Bagé, de acordo com o Gráfico 2:

Gráfico 2: Número de graduandos formados e evadidos por ano (2006-2021) no campus Bagé, da UNIPAMPA  
**Evasão e retenção da Graduação**

### Número de alunos formados e evadidos por ano

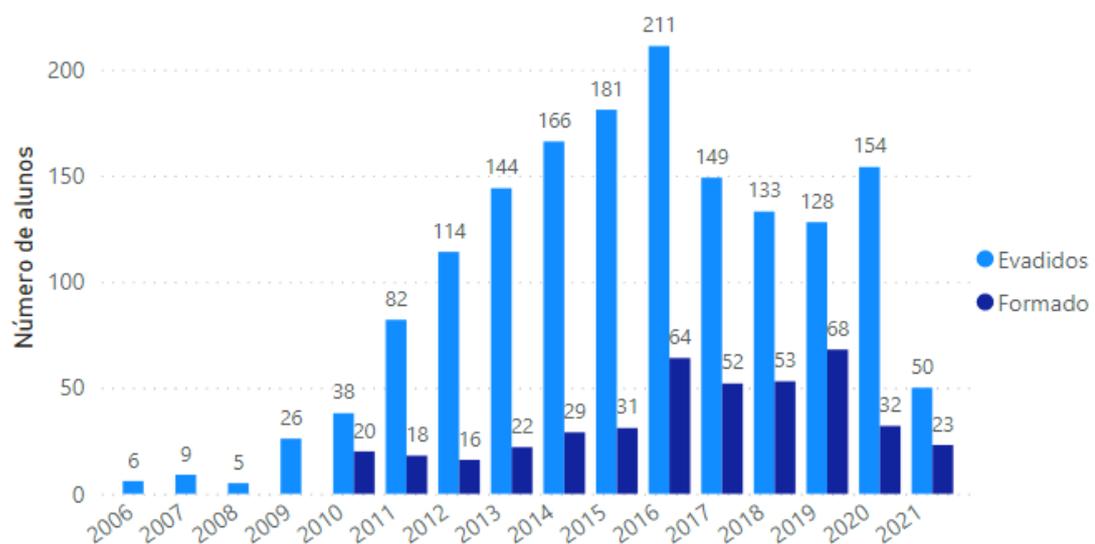


Fonte: Site da UNIPAMPA. Disponível em <https://sites.unipampa.edu.br/prograd/dados-da-graduacao/>, acesso em 06/03/2022.

No campus Caçapava do Sul, de acordo com o Gráfico 3:

Gráfico 3: Número de graduandos formados e evadidos por ano (2006-2021) no campus Caçapava do Sul, da UNIPAMPA.

### Número de alunos formados e evadidos por ano



Site da UNIPAMPA. Disponível em <https://sites.unipampa.edu.br/prograd/dados-da-graduacao/>, acesso em 06/03/2022

E em todos os demais campi da Instituição.

De acordo com os dados estatísticos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), na Planilha Sinopse Estatística da Educação Superior (disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas>), referentes às Instituições Federais de Ensino no Brasil, quando feita a comparação entre alunas/os ingressantes e alunas/os concluintes, é possível perceber que a situação é alarmante e necessita um olhar mais aguçado, reconhecedor-acolhedor, e uma escuta sensível para tentar identificar causas e buscar soluções.

Salientamos não ignorar que olhar o número de estudantes ingressantes comparativamente ao número de estudantes concluintes, sem olhar as variáveis durante o processo (transferências e trancamentos, por exemplo), pode levar a conclusões equivocadas; ainda assim, é um dado importante quando há uma diferença significativa entre esses números.

Para exemplificar, na citada Planilha do Inep, na aba 1.16, dados gerais dos cursos de graduação presenciais e a distância, por categoria administrativa das IES, segundo a unidade da federação e o tipo de cursos – 2020 - olhando a situação do Curso de Pedagogia, no RS, tem 25 instituições que oferecem o curso (5 públicas e 20 privadas). No total, são 12 cursos (5 públicos e 7 privados). Em 2020 o Curso teve 1.062 matrículas (581 na rede pública e 481 na rede privada) e 108 concluintes (50 na pública e 58 na privada). Ou seja, uma taxa de conclusão de 10,16% de concluintes em relação aos ingressantes. A pergunta é: onde estão os outros 89,84% de ingressantes?

Financeiramente, esse é um aspecto relevante, tanto nas IFES privadas quanto nas públicas, afinal, o principal indicador usado na análise dos custos de manutenção das instituições é o de Aluno Equivalente para o cálculo do repasse de verbas para as Universidades (MEC/SESu, 2005).

A retenção também é um aspecto que merece atenção, pois muitos das/os estudantes que repetem disciplinas, por vários semestres, acabam por desistir, como mostra o artigo de Rodrigues, Brackmann e Barone (2015, p. 10). De acordo com o estudo, realizado com estudantes do Curso de Ciência da Computação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quase 70% da totalidade das/os estudantes do curso estavam atrasadas/os em relação à etapa adequada, indicando uma dificuldade em acompanhar o andamento regular do Curso, o que pode ser indicativo da falta de base para acompanhar os estudos.

## *Pesquisa auto(trans)formação: por uma ambiência de pertencimento no ensino superior*

O estudo de caso da UFRGS, em 2015, já apontava que a demanda por profissionais seguia em alta e o número de estudantes graduados/as não estava acompanhando o mercado. O jornal Folha de São Paulo, em 1º de dezembro de 2021, veiculou matéria afirmando que isso se mantém, “o setor de tecnologia deve criar 797 mil novas vagas de trabalho no Brasil até 2025 [...]. A entidade estima, no entanto, que faltarão profissionais para ocupar 532 mil dessas vagas” (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/12/demanda-por-profissionais-de-ti-supera-projecoes-e-impulsiona-iniciativas-para-suprir-deficit.shtml>).

Esse é apenas um de vários artigos apontando a falta de profissionais capacitados/as a preencher as vagas no mercado de trabalho. Uma pesquisa rápida do tipo “demanda por profissionais em alta e candidatos capacitados em baixa” traz inúmeros exemplos da situação atual do mercado de trabalho no Brasil, demonstrando o déficit de profissionais e a urgência em encontrar alternativas para que os/as estudantes queiram concluir seus cursos de graduação e seguir para níveis de especialização, com autoria e autonomia.

Em sua Pedagogia do Oprimido, Freire nos diz: “Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento” (2016b, p.104). Daí que mais do que permitir o ingresso de homens e mulheres em cursos de graduação, estamos desafiadas/os a criar uma ambiência de pertencimento que faça com que elas/es queiram ser sujeitos de seus próprios movimentos auto(trans)formativos, profissionais e pessoais, para o que é mister encontrar na universidade uma ambiência e profissionais que propiciem um caminhar juntos em seus processos de ensino-aprendizagem.

### **4. Considerações finais**

Convidar a comunidade docente a dizer a sua palavra, com vistas a encontrar formas de criar uma ambiência de pertencimento junto aos discentes para permitir que façam parte, sejam ouvidos e tenham celebradas suas presenças, com amorosidade e cuidado, para além de lutar por recursos financeiros, é uma forma de inclusão. Lembrando que a universidade está desafiada a ser, além de necessária, “competente, democrática e socialmente inclusiva, também emancipatória” (SOUZA JR; BUARQUE, 2012, p.10).

É importante considerar que situamos nosso lugar de fala, de pessoas brancas, de classe popular, acostumadas a perseguir os objetivos que traçamos, com as dificuldades comuns a uma origem pobre, mas com menos impedimentos do que pessoas de outras cores, raças e origens. Dessa forma, manifestamos nosso respeito por sua/nossa luta e nossa

confiança no que podemos fazer juntas/os para conquistar lugares e processos de empoderamento, emancipação e realização pessoal e profissional, também pela permanência e pelo sucesso no ensino superior.

Acreditamos na possibilidade de instituir uma práxis com acolhimento, amorosidade, rigorosidade e reconhecimento das especificidades de cada estudante, no sentido de auxiliar nos processos auto(trans)formativos de acadêmicas/os com vistas à permanência e à conclusão do Ensino Superior, cientes de que a perfeição não compõe com o encontro humano. É na aspereza da realidade de uma sociedade desigual que nossa proposta de pesquisa-auto(trans)formação tornar-se-á um inédito viável materializado, mobilizados/as pela utopia e pelo esperar de um horizonte com mais boniteza e dignidade para um número cada vez maior de mulheres e homens.

### Referências

ANDRADE, Jozé Medianeira dos Santos de; HENZ, Celso Ilgo. Auto(trans)formação Permanente com Professores: em busca de uma compreensão político-epistemológica. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 15, n. 39, p. 305-324, 2018.

ANDRADE, Jozé Medianeira dos Santos. **Por uma docência institucional: professores(as)-formadores(as) dos cursos de licenciatura do Instituto Federal Farroupilha e seus processos auto(trans)formativos**. 2019. 336 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2019.

BACICH, Lilian; MORAN, José [org.]. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CORTELA, Mário Sérgio. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v.7, n. 3. Dez. 2011. Edição Especial de Aniversário de Paulo Freire.

COSTA, Cândida Dutra Garcia Cougo da; MACEDO, Gabriela Giacomini de; SOARES, Ivani. **Relatório de Auditoria Interna nº 07/2019** - Levantamento de Dados de Ingresso, Evasão e Retenção Discente na Unipampa. 2020. p. 39. Disponível em [https://sites.unipampa.edu.br/auditoria/files/2021/01/ra\\_07-2019\\_\\_\\_final\\_\\_\\_18-08-20.pdf](https://sites.unipampa.edu.br/auditoria/files/2021/01/ra_07-2019___final___18-08-20.pdf). Acesso em 10 fev. 2023.

FREIRE, Nita. **Inédito viável**. In STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*, 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte. MG. Autêntica Editora. 2017. p. 223-226.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 23. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016b.

FREITAS, Larissa Martins. **Auto(trans)formações permanentes com professores do ensino médio regular**: re-ad-mirando a docência e ressignificando experiências. 2020. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2020.

GOELZER, Juliana. **Auto(trans)formação permanente com professoras**: a escuta sensível e o olhar aguçado na do-discência com as turmas multi-idades da unidade de educação infantil Ipê Amarelo/UFSM. 2020. 429 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2020.

GOELZER, Juliana; FREITAS, Larissa Martins; SIGNOR, Patrícia [orgs.]. **Pesquisa-auto(trans)formação com genteidades e com o mundo**: reinvenções com Freire 100 e Dialogus 10. 1 ed. Curitiba. Appris. 2023.

HENZ, Celso Ilgo. **Círculos Dialógicos Investigativo-Formativos e Auto(trans)formação Permanente de Professores**. In HENZ, Celso Ilgo; TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. **Dialogus**: Círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores, p. 17-28. São Leopoldo: Oikos, 2015.

HENZ, C. I. **Razão-emoção crítico-reflexiva**: um desafio permanente na capacitação de professores. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2003.

Henz, C. I.; Freitas, L. M., & Silveira, M. N. da. **Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma metodologia de pesquisa inspirada nos círculos de cultura freireanos**. **Revista Perspectiva**, v. 36, n. 3, p. 835–850, Out. 2018.

HENZ, Celso Ilgo; SIGNOR, Patrícia.; SOARES, Ivani. **Andarilhando: movimentos que se entrelaçam em Marie-Christine Josso e Paulo Freire**. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 27, n. 3, p. 750-775, Mar. 2021.

HENZ, Celso Ilgo; TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. **Dialogus**: Círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores. São Leopoldo: Oikos, 2015.

INEP/MEC. Diretoria de estatísticas educacionais (DEED). **Metodologia de Cálculo dos Indicadores de Fluxo da Educação Superior**. Brasília, 2017. Disponível em [https://download.inep.gov.br/informacoes\\_estatisticas/indicadores\\_educacionais/2017/metodologia\\_indicadores\\_trajetoria\\_curso.pdf](https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2017/metodologia_indicadores_trajetoria_curso.pdf). Acesso em 22 dez. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN. 2010.

MEC/SESu. **Cálculo do Aluno Equivalente para fins de análise de custos de manutenção das IFES**. Brasília: TI/DEDES/SESu/MEC. 2005. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/calculo\\_aluno\\_equivalente\\_orcamento\\_2005.pdf](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/calculo_aluno_equivalente_orcamento_2005.pdf). Acesso em 12/04/2022.

PAHIM, Frank Sammer Beulck; COSTA, Elizeu; SOARES, Ivani. **Relatório de Auditoria Interna nº 6/2014** - Auditoria de Ensino de Graduação. 2014. p. 74. Disponível em <https://sites.unipampa.edu.br/auditoria/files/2016/03/2014-relatorio-de-auditoria-06-ensino-de-graduacao.pdf>. Acesso em 10/02/2023.

PEREIRA, Thiago Igrassia. **Classes populares na universidade pública brasileira e suas contradições**: a experiência do Alto Uruguai Gaúcho. Curitiba, PR. Editora CRV. 2015. p. 244.

REDIN, Euclides. **Boniteza**. In STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire, 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte. MG: Autêntica Editora. 2017. p. 60-63.

RODRIGUES, Francisco Scheffel; BRACKMANN, Christian Puhmann; BARONE, Dante Augusto Couto. Estudo da Evasão no Curso de Ciência da Computação da UFRGS. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 23, n. 1, 2015.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SIGNOR, Patrícia. **Auto(trans)formação com professoras e (re)organização curricular**: desdobramentos e desafios da pedagogia da educação popular na escola pública. 2021. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS. 2021.

SILVEIRA, Melissa Noal da. **Uma tese-formação?** Mística, fraternuras e utopias da humana docência freireana. 2021. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2021.

SOUSA JUNIOR, José Geraldo de et al. (org.). **Da universidade necessária à universidade emancipatória**. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

## Sobre os autores

### Ivani Soares

Secretária Executiva na Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Colaboradora do Grupo de Estudos e Pesquisas “DIALOGUS: educação, formação e humanização com Paulo Freire” (UFSM). Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional (UFSM). Doutoranda em Educação (UFSM). E-mail: [ivanirodhen@gmail.com](mailto:ivanirodhen@gmail.com). Orcid: 0000-0002-1248-9689.

### Celso Ilgo Henz

Professor Associado II na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa “DIALOGUS: educação, formação e humanização com Paulo Freire” (UFSM). Doutor em Educação (UFRGS). E-mail: [celsoufsm@gmail.com](mailto:celsoufsm@gmail.com). Orcid: 0000-0002-0571-5684

Recebido em: 22/06/2023

Aceito para publicação em: 31/08/2023